Dia 23 — A Comemoração dos Fiéis Defuntos

Quando a Igreja destina todos os meses um dia à comemoração dos fiéis defuntos, não só tem presente a caridade com os mortos, mas também o proveito dos vivos; persuadida esta comum Mãe de que o pensamento da morte é tão salutar para uns como as orações que oferece são proveitosas para os outros: *Memorare novissima tua, et in æternum non peccabis.* «Pensa com frequência na morte, e não te atreverás a pecar.» Pensa na morte, e não te deixarás infatuar de tua própria estima; não serás tão vivo em defender teus direitos; não serás tão zeloso de tua autoridade; não serás tão áspero em teu trato, tão delicado em teus interesses, tão arrebatado em tuas vivacidades, tão duro com os outros, tão indulgente contigo mesmo e tão pouco cristão em toda a tua conduta. Pensa na morte, e verás como tens afabilidade, mansidão, circunspecção, urbanidade, moderação e paciência. Não há paixão que não se tempere com este salutar pensamento. O pensamento da morte é o contraveneno de todas as paixões; e talvez por isso se foge de pensar na morte e se tem tanto horror a este pensamento. Amam-se as paixões, fomentam-se, lisonjeiam-se, e aborrece-se tudo o que as pode turbar ou enfraquecer.

Mas, se o pensamento da morte conturba, atemoriza e atordoa, que será a morte mesma? Quem duvida de que há de morrer? E quem está seguro de que há de morrer bem? Uma boa morte é obra tão fácil, ou tão indiferente, é de tão pouca consequência que não mereça que se pense nela? Depende da morte uma sorte feliz ou desditosa por toda a eternidade; são poucos os que morrem santamente; e como é possível que se morra santamente se não se pensa na morte? Pois, na verdade, são muito poucos os que procuram assegurá-la boa pelo exercício de uma santa vida. O último momento é o mais crítico de todos, porque decide de nossa eterna sorte. De uma santa morte, ou de uma morte em pecado, depende uma eternidade ditosa ou desventurada. Este momento é violento, é apertado, tudo se pode temer nele. O espírito sem forças, a consciência carregada de pecados, a alma toda espantada; e, se em algum tempo o inimigo de nossa salvação põe em movimento todos os seus enredos, todas as suas violências, todos os seus artifícios, é naquele último transe. Grande consolação é naquela hora ter tido uma santa vida; mas, se os maiores santos tremeram ao aproximar-se a morte, quem poderá assegurar nela os imperfeitos e os pecadores? Nenhuma outra coisa senão a confiança bem fundada na Mãe de Deus. Na hora da morte é quando propriamente se conhece e se experimenta a dita dos verdadeiros devotos da Santíssima Virgem; naquela ocasião tão perigosa para a salvação faz-se sentir seu poder em favor dos que a serviram com fidelidade; nela é, por assim dizer, seu abrigo e seu refúgio. É certo que o sangue do Salvador nos há de salvar; mas este Salvador é naquela hora um juiz severo que aterra; ditoso aquele, diz São Bernardo, que encontra então em Maria uma advogada que interceda, uma medianeira que assegure, uma protetora que desvaneça todos os esforços do inimigo de nossa salvação. Com muita razão se lhe aplica o que o Espírito Santo disse da Sabedoria (Sb 10): *In fraude circumvenientium illum affuit illi.* Ela o ajuda contra os que pretendiam surpreendê-lo

naquele último momento (Serm. *de Nativ.*). *Non ita timent hostes visibiles aciem ordinatam*, diz Santo Ambrósio, *sicut dæmones Dei Matrem.* «Não temem tanto os inimigos visíveis a um exército posto em ordem de batalha como os demônios temem a Mãe de Deus.» *Sicut fluit cera a facie ignis* (Hom. 1 sup. *Missus est*), diz São Bernardo, *sic dæmones ad invocationem nominis Mariæ.* Assim como a cera aplicada ao fogo se derrete e desaparece num instante, assim desaparecem os demônios quando se invoca o santo nome de Maria. «Defende-me, Virgem santa (exclama Santo Efrém), e tem misericórdia deste pobre pecador; sobretudo naquele momento em que hei de comparecer diante de meu Deus e de meu supremo Juiz, a quem tantas vezes ofendi»: *Sub alis tuis custodi, et protege me; miserere mei, qui sceleribus plurimis creatorem Deum meum et judicem offendi.* «Não permitas que meu formidável inimigo, o demônio, me encontre destituído de teu amparo, particularmente naquela última hora: *a tui spe destitui cognoscat*; depois de Deus, ó Virgem santa, em ti tenho posta toda a minha confiança: *non mihi alia fiducia, Virgo sancta.* Tu és o único porto aonde me posso abrigar durante a tormenta: *Tu enim meus portus*; e de ti espero que me venha todo o socorro de que necessito no tempo da agonia: *præsens auxiliatrix.* Se alguma coisa me dá segurança, é o considerar-me ao abrigo de tua soberana proteção: *sub tutela et protectione tua tutus sum.*»

«Faz-me tremer (diz Ricardo de São Vítor) a consideração dos terríveis juízos de Deus; só me consola pensar que, quando comparecer diante de meu Deus para ser julgado, se estiver a meu favor a Mãe de misericórdia, se se digna pôr-se de minha parte, não posso duvidar de que o Juiz me seja favorável» (Part. 2, cap. *Cant.*): *Si accedam ad judicium, et Matrem misericordiæ mecum habuero in causa mea, quis judicem denegabit propitium?* Se alguma vez se interessa por seus servos esta Mãe de misericórdia, nunca o faz mais do que naquele crítico e decisivo momento.

Quando os marinheiros se veem combatidos de uma furiosa e desfeita borrasca, diz Santo Ambrósio, nenhuma coisa os consola e os alegra mais do que descobrir a estrela do mar, isto é, a estrela polar. Mas maior consolação, gozo mais doce e mais requintado sentem os que, achando-se na agonia, descobrem, durante aquele formidável combate com as potestades do inferno, aquela brilhante estrela do mar, a Santíssima Virgem, como a apelida a Igreja quando a saúda como Mãe de Deus: *Tam gratum erit nobis in ultima agoniæ lucta, multis dæmonum tentationibus et vehementissimis doloribus agitatis, ubi viderimus præclaram hanc maris stellam, quam Ecclesia salutat: Ave maris stella, Dei Mater alma.* «Sim (diz São Bernardo), Maria é aquela formosíssima estrela que preside neste borrascoso mar em que todos navegamos embarcados»: *Ipsa est præclara et eximia stella super hoc mare magnum merito sublevata.* «Se a observas e a segues, nunca perderás o rumo: *Quam sequens, non devias.* Se recorres a ela e a suplicas, não tens que desesperar: *Ipsam rogans, non desperas.* Nunca a percas de vista e jamais errarás o caminho: *Ipsam cogitans, non erras.* Enquanto estiveres debaixo de sua proteção, não tens que temer naquela última hora: *Ipsa protegente, non metuis.* Está seguro de que, se ela te for favorável, arribarás ditosamente ao porto de salvação: *Ipsa propitia, pervenies.*» «Quando volto os olhos da consideração a vós, ó Virgem santa (prossegue o mesmo padre), não descubro mais que bondade e misericórdia: *Cum te aspicio, nihil nisi misericordiam cerno.* Fostes Mãe de Deus principalmente pelos pecadores; e assim a misericórdia é filha de vossas entranhas»: *Nam pro miseris Mater Dei facta es; misericordiam insuper genuisti.*

Nunca nos é mais necessária, em todas as necessidades da vida, a proteção especial da Santíssima Virgem do que naquele momento crítico, naquele último momento em que o inferno põe em movimento todos os seus artifícios e em que faz seus maiores esforços para espantar-nos, para tentar-nos, para enredar e confundir uma pobre alma, induzindo-a ao desespero. Que alento não infunde naquela ocasião a benevolência, o favor e o auxílio daquela Senhora, cujo valimento é tão poderoso junto a seu soberano Filho, nosso Salvador, nosso supremo Juiz e nosso Deus, e cujo só nome afugenta e dissipa todo o poder das trevas? Mas este poder, este valimento, em favor de quem o empregará esta Mãe de misericórdia senão daqueles que a honraram, que a amaram, que a serviram todo o tempo de sua vida? «Ditosos mil vezes os devotos de Maria (exclama São Bernardo), que naquele terrível risco, naquela furiosa tempestade encontrarão porto seguro e abrigo impenetrável a todas as máquinas e a toda a malignidade do inimigo. Ditoso aquele que na terrível e estreita conta que há de dar ao supremo Juiz tem por advogada a Mãe de Deus naquele tremendo tribunal.» «Dediquemo-nos, pois, toda a vida ao serviço de tão soberana Rainha (grita o venerável Beda), considerando as inestimáveis vantagens que se logram merecendo sua benevolência naquele último momento; dediquemo-nos ao serviço de uma imperatriz que nunca abandona, em tão apertada necessidade, os que se põem debaixo de sua proteção» (Hom. *de Sanct. Mar.*): *Serviamus semper tali reginæ Mariæ, quæ non derelinquit sperantes in se.* «Porque, quando o que clama não mereça ser ouvido por seus méritos, diz Santo Anselmo, o merecerá pelos da Mãe de Deus, que clama por ele» (*De Concept. B. V.*): *Si merita invocantis non merentur ut exaudiatur, merita tamen Matris intercedunt ut exaudiatur.* «Sobretudo, solicitemos a graça final, e solicitemo-la por Maria, diz São Bernardo, porque sempre acha o que busca e nunca deixa de conseguir o que pede» (Serm. *de Nativit.*): *Quæramus gratiam, et per Mariam quæramus; quia quod quærit, invenit, et frustrari non potest.* «Ainda que sejas grande pecador, podes aproximar-te de Deus com toda a confiança (prossegue o mesmo santo), contanto que tenhas a teu favor a Mãe que se apresenta a seu Filho e este Filho que se apresenta a seu Pai. A Mãe mostra a seu Filho os peitos que lhe deram leite; o Filho mostra a seu Pai suas chagas e seu lado aberto; e não é possível que negue Deus uma graça que se lhe pede com tantas demonstrações de amor»: *Securum accessum habes apud Deum, o homo, ubi Mater stat ante Filium, Filius ante Patrem, Mater ostendit Filio pectus et ubera, Filius ostendit Patri latus et vulnera. Ibi ergo nulla poterit esse repulsa, ubi tot sunt amoris insignia.* É erro crer que a Santíssima Virgem tenha tirado alguma vez do inferno algum condenado: *In inferno nulla est redemptio.* Mas é muita verdade que impediu que muitos devotos seus fossem precipitados naquelas chamas, alcançando-lhes de seu Filho tempo e auxílios para converter-se e dispondo-os para o último momento, de maneira que conseguissem a graça da final perseverança. Tampouco se duvida de que a Santíssima Virgem tenha algumas vezes mantido almas impenitentes em corpos esvaídos de sangue e crivados de feridas, para dar-lhes tempo de reconciliar-se com Deus; do que se refere na história eclesiástica mais de um exemplo. É também de grande consolação que não há coisa mais eficaz para abreviar as penas do purgatório que a proteção singular da Mãe de Deus. Por isso disse São Germano que a proteção desta Senhora é superior a tudo o que podemos conceber, não sendo possível compreender até onde chega sua força e sua extensão: *Patrocinium Virginis majus est, quam ut possit intelligentia apprehendi.* Uma Mãe de misericórdia, uma mãe tão terna e tão compassiva com seus filhos, não é possível que a sangue-frio os esteja vendo arder nas vorazes chamas do purgatório. Nem são necessários milagres para aliviá-los; meios tem a Santíssima Virgem para aliviar aquelas almas aflitas, mais naturais e mais conformes à ordem regular da divina Providência. Em suas mãos tem todas as

graças e todas as misericórdias do Senhor, diz o bem-aventurado Pedro Damião: *In manibus ejus sunt omnes miserationes Domini.* Já saberá dispor que aquele fiel servo seu, dedicado toda a vida a seu serviço, cujos cristãos costumes, cuja vida regrada acreditou tanto sua devoção, faça na hora da morte um ato de amor de Deus tão aceso, tenha tão perfeita contrição que Deus por sua misericórdia lhe remita a maior parte das penas, perdoando-lhe a maior parte de suas dívidas, ou dispondo que se apliquem os tesouros da Igreja, como também o infinito valor do sacrifício da missa e os sufrágios dos fiéis. No capítulo 13 do livro 4 das *Revelações* de Santa Brígida leem-se estas palavras cheias de consolação que a Santíssima Virgem disse àquela grande santa: «Eu sou a Mãe de Deus e a Mãe de todos os que estão no purgatório. Não se passa hora alguma em que o rigor das penas não se mitigue por minha intercessão.» Pois que parte não terão nestes insignes favores todos aqueles que foram verdadeiros devotos da Mãe de Deus durante sua vida?

Martirológio Romano

A vigília de São Bartolomeu, apóstolo.

Em Todi, São Filipe Benizi, de Florença, confessor, varão muito humilde, que contribuiu para propagar a Ordem dos Servitas. Foi posto no número dos santos pelo papa Clemente X.

Em Antioquia, São Restituto, São Donato, São Valeriano, Santa Frutuosa e outros doze mártires, cuja confissão de fé teve um brilhantíssimo triunfo.

Em Óstia, São Quiríaco, bispo; Máximo, presbítero; Arquelau, diácono, e seus companheiros, mártires, que padeceram sob o prefeito Ulpiano pelos tempos de Alexandre.

Em Egeia, na Cilícia, São Cláudio, São Astério e São Neão, irmãos, mártires, os quais, acusados por sua madrasta de serem cristãos, depois de terem padecido cruéis tormentos sob o imperador Diocleciano e o presidente Lísias, foram crucificados e subiram triunfantes a incorporar-se com Jesus Cristo. Atrás deles foram também martirizadas Santa Domnina e Santa Teonila.

Em Reims, a festa de São Timóteo e São Apolinário, que, martirizados ali ao mesmo tempo, subiram juntos à morada celestial.

Em Lyon, na França, São Minérvio e São Eleazar com seus oito filhos; e também São Lupo, mártir, que, tendo passado da condição de escravo à liberdade de Jesus Cristo, foi além disso adornado com a coroa do martírio.

Em Jerusalém, São Zaqueu, quarto bispo daquela igreja depois de Tiago, apóstolo.

Em Alexandria, São Teonas, bispo e confessor.

Em Útica, na África, São Víctor, bispo.

Em Autun, São Flaviano, bispo.

Em Clermont, na Auvérnia, São Sidônio, bispo, ilustre por sua doutrina e santidade.

Em Ruão, São Fliu, bispo.

Em Uzès, São Veredemo, solitário.

Em Metz, São Spero, bispo.

Em Saint-Seine, na Borgonha, São Altigiano e São Hilarino, monges, martirizados pelos sarracenos.

Em Singidunum, na Mésia, os santos mártires Hermógenes e Fortunato, cujos corpos se veneram em Aquileia.

Em Verona, São Moderato, bispo, honrado com culto anual naquela cidade, na igreja de Santo Estêvão, onde se vê junto à pia o lugar em que foi enterrado.

Na Etiópia, São Moisés, bispo de Ferma.

Missa (oração)

A missa é dos defuntos, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum, ut indulgentiam quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de todos os vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre esperaram de vós. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

>

> **Latim:** [13] Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: [13] Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d'elles os seguem.

Nota

«São Dionísio de Alexandria diz que o livro do Apocalipse não é menos admirável que obscuro. Não há palavra que em sua obscuridade não encerre um grande mistério; pois há tantos como palavras, diz São Jerônimo; e tanto mais as venero, acrescenta São Dionísio, quanto menos as compreendo.»

Reflexões

Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Esta é a que se chama morte preciosa: qualquer outra é desprezível e vil; só a dos santos é respeitável e estimável. Morra alguém ilustrado com uma gloriosa série de vitórias, com uma continuada cadeia de prosperidades, com uma prodigiosa multidão de heroicas ações e de magníficos elogios; se não morre com a morte dos santos, só será grande no papel e na história; toda a sua dita é imaginária e quimérica. Não há outra morte feliz senão a morte dos santos; mas é preciso pensar muitas vezes na morte se se quer morrer santamente. Pode-se dizer que o pensamento da morte faz de algum modo nas paixões o mesmo efeito que a morte mesma: *In illa die*, diz o Profeta, *peribunt omnes cogitationes eorum.* Desvanecem-se naquele último momento todos os projetos da ambição, todas as vastas ideias, todas as lisonjeiras esperanças: *peribunt.* Aquele plano de fortuna traçado com tanta prudência e com tanto acerto; aquelas medidas tomadas com tanta compreensão e com tanto pulso; aquelas empresas idealizadas com tanto coração e com tanto talento, *in illa die peribunt*; tudo isso perecerá, se desvanecerá, desaparecerá naquele terrível dia; tudo o que embeleza, tudo o que lisonjeia, tudo o que engana murcha, apaga-se no último momento. Pois, pouco mais ou menos, o mesmo faz, durante a vida, o pensamento da morte. Toda paixão afaga, embevece, encanta, prometendo nova felicidade e novo gosto. Vem a morte e despoja-a de todo o seu atrativo. Não esperam os laços naquele dia que outros os desatem: eles se fazem em pedaços por si mesmos. Então tudo desgosta, tudo enfada; a ideia daquela quimérica felicidade em que se estavam saboreando as paixões converte-se então em indignação contra a própria loucura. Bem se pode dizer que naquele dia perecem a um mesmo tempo as paixões e os pensamentos: *In illa die peribunt omnes cogitationes eorum.* Na verdade, com que olhos se olha, à hora da morte, tudo

aquilo que fomentou a concupiscência, tudo o que foi objeto da ambição e tudo o que serviu de matéria às paixões humanas? Aquele cargo elevado que tanto custou logo perde todo o seu valor e todo o seu mérito ao olhá-lo, por assim dizer, a dois dedos da sepultura. Essa magnificência, esse fausto, essa suntuosidade, esse esplendor que tanto deslumbra em vida perdeu então toda a sua brilhantez. Até os resplendores da majestade real se obscurecem com as sombras da morte. Grande exemplo nos deu desta verdade o século presente. Aquele monarca tão celebrado no mundo pelo dilatado reinado de setenta e dois anos, Luís XIV, digo, soberano em quem pelos anos se contaram as vitórias; aquele monarca que foi a admiração de todas as nações, o terror de seus inimigos, ideia real da maior grandeza e a mais brilhante imagem da humana felicidade, morre como morrem todos os demais homens; e naquele último momento da vida, grandeza, poder, majestade, resplendor, tudo desaparece, tudo se apaga de repente. Oh, bom Deus, que de falsas brilhantezes se descobrem naquela hora! Oh, que belo ponto de vista o da morte para representar muitos objetos e para tornar patentes muitos mistérios! Na vida, por engano das paixões, representam-se-nos todas as coisas a uma falsa luz; mas na morte tudo se nos põe diante como é em si, sem engano e sem artifício. Então se descobre distintamente o verdadeiro motivo daqueles amargos zelos, a legítima causa daquela maligna inveja, o objeto daquela desmedida ambição; mas com que cara se nos descobre? Que se pensa então dessa sórdida cobiça, quando de todas as posses adquiridas, de todos os tesouros amontoados, não resta mais que uma sepultura, um ataúde e uma mortalha? Oh, e quão santamente se morreria se se morresse duas vezes!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** [51] Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. [52] Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. [53] Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? [54] Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. [55] Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: [51] Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. [52] Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. [53] Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? [54] E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. [55] O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a

vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Do verdadeiro segredo para lograr uma santa morte

Primeiro ponto

Considera que o verdadeiro segredo para lograr uma santa morte é ter uma santa vida. Em vão se lisonjeia o homem confiando nos socorros espirituais que logrará numa longa enfermidade. Além da incerteza do tempo, da incompetência do estado e da incompatibilidade das circunstâncias, é certo que essas conversões precipitadas, superficiais e na maior parte forçadas raríssima vez foram verdadeiras. É preciso que haja algum intervalo entre a conversão, entre a penitência e a morte. Mesmo tendo vivido com uma exata regularidade de costumes, com uma vida inocente e regrada, ainda se temem, e com razão, os altos juízos de Deus; pois como poderá assegurar a um moribundo uma conversão de dois dias, depois de uma vida desbaratada e perdida? Para uma fundada confiança é preciso um motivo mais sólido e mais plausível. Deus é misericordioso, é verdade; mas nessa mesma infinita misericórdia confiavam os maiores santos e, com tudo isso, tremiam. Convenhamos, pois, em que só uma vida pura, uma vida penitente, uma vida empregada em exercícios de mortificação e na prática das virtudes cristãs, uma vida conforme à lei e às máximas do Evangelho, pode fundar uma verdadeira confiança. Confessemos que uma santa vida é o verdadeiro segredo de lograr uma santa morte. E de boa-fé, como é verossímil que, depois de ter passado os dias da vida numa contínua desobediência, e até num menosprezo formal dos mais sagrados preceitos, da mais clara vontade de Deus, tão expressa no Evangelho; depois de ter preferido sempre as ímpias máximas do mundo às santas máximas de Jesus Cristo; depois de ter sido cristão só de nome, sem ter mais que uma aparente cerimônia e sobrescrito de religião; depois de ter menosprezado a sangue-frio e com reflexão as graças mais fortes, as inspirações mais vivas, as exortações mais apertadas, os exemplos mais convincentes e todos os meios de conversão mais eficazes; uma última enfermidade, que debilita a razão, que nos faz incapazes de atender ao mais mínimo negócio, que nos obriga a romper os laços mais fortes e mais estreitos, seja nem tempo, nem estado, nem meio proporcionado para reparar todas as desordens e todo o desbarato de uma vida que pediria trinta anos de retiro, de lágrimas e de penitência? Não é desacreditar nossa religião, e de certa maneira insultar Jesus Cristo, imaginar, e muito menos crer, que seguramente se pode contar com essa espécie de cerimônia ou de momice? Aquela mulher perdida, aquele homem dissoluto, aquele eclesiástico mundano, aquele religioso tão irregular, tão indevoto e tão imortificado, terão achado porventura o segredo de eludir todos os oráculos de Jesus Cristo, suas leis, seus conselhos e suas ameaças? Forma o sistema que quiseres; figura-te a moral que te der na veneta; finge a doutrina que mais te lisonjear; mas desengana-te de que o verdadeiro, o único segredo de lograr uma morte cristã é viver cristãmente. Bem pode Deus fazer milagres; mas oh, quão digno de compaixão é aquele que só a um milagre confia sua salvação! Por Deus, não faças inúteis estas reflexões.

Segundo ponto

Considera que também há outro segredo para lograr uma santa morte, muito reconhecido de todos os santos padres; este é a verdadeira devoção à Santíssima Virgem. Mas não creias que por verdadeira devoção se entenda uma série ou uma multidão de orações vocais rezadas em honra e reverência da Mãe de Deus; um nome escrito nos livros de uma congregação ou confraria da Virgem; um costume em certos exercícios de mortificação e de piedade que, embora muito santos, não bastam se não estão animados da graça e do espírito cristão; todas essas devoções mortas e, por assim dizer, descarnadas não merecem o nome de verdadeira devoção. Por esta se entende um desejo ardente de honrar, servir e agradar à Mãe de Deus; entende-se um porte cristão que prove a retidão, a pureza e a santidade das disposições interiores; entendem-se uns exercícios de devoção que sejam efeito de um coração abrasado no amor de Deus e em ternura à Santíssima Virgem. Não pode a Mãe olhar com bons olhos os que são desagradáveis a seu santíssimo Filho. É, pois, visível que semelhante devoção é um segredo admirável para lograr uma santa morte, porque é origem de uma santa vida. Que auxílios, que graças, que utilidades não granjeia aos devotos da Mãe de Deus naquele último momento decisivo da eternidade? É a Santíssima Virgem quem distribui as graças de seu Filho; e nunca há maior necessidade delas que naquela última hora. Como as há de negar esta Mãe de bondade a seus filhos, a seus devotos e a seus fidelíssimos servos? Quando sua piedade assiste até àqueles mesmos que lhe professaram menos devoção e confiança, esquecerá os que a honraram, serviram e amaram ternamente durante sua vida? E, se os assiste e os protege de um modo tão terno e tão ativo, que graças não receberão já contra os esforços do demônio, já contra os naturais temores da morte, as angústias e dores da última enfermidade? Meu Deus! Onde há motivo de confiança mais bem fundado? Onde há esperança mais cheia de consolação? Quantas vezes repetimos com toda a Igreja: «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte»? Podemos temer que esta Senhora se esqueça ou se faça surda a uma oração tão repetida? Confessemos, pois, que a verdadeira devoção à Santíssima Virgem é um segredo infalível para lograr uma boa morte.

Dignai-vos, ó Mãe de meu Deus e amada Mãe minha, dignai-vos ouvir favoravelmente meus humildes rogos. Espero que a sincera, a terna devoção que vos professarei toda a vida me assegure a graça de uma ditosa morte.

Jaculatórias

> *Sancta Maria, mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostræ. Amen.* Oração da Igreja.

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

> *Maria, mater gratiæ, mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, et hora mortis suscipe.* Hino da Igreja.

Maria, Mãe de graça, Mãe de misericórdia, defendei-nos do inimigo e recebei-nos na hora da morte.

Propósitos

1. Sendo uma santa vida o verdadeiro segredo de lograr uma santa morte, não busques outro inutilmente. Refere a este fim todas as tuas ações, todos os teus projetos e todos os teus desejos. Em quanto empreenderes e em quanto fizeres, tem sempre à vista este pensamento tão necessário: *E isto me servirá para morrer bem?* Não só hás de fazer todos os exercícios cristãos com esta mira, mas até todas as funções da vida civil as deves executar com o mesmo espírito e dirigi-las ao mesmo respeito. As aflições e as adversidades perdem a metade de sua amargura quando se pensa que os trabalhos nos podem servir para desprender-nos do amor à vida e para dispor-nos a uma santa morte. As prosperidades embriagam, ou, quando menos, atordoam e muitas vezes transtornam a cabeça. Então traze à memória o pensamento da morte, que este é o contraveneno mais eficaz.

2. Uma das coisas que mais nos interessa na devoção à Santíssima Virgem é o conseguir-nos uma boa morte. Este é outro poderoso motivo para tão santa devoção; seja a tua desde hoje mais afetuosa e mais ardente. Daqui por diante, quando rezares a saudação angélica, faze particular reflexão naquelas palavras: *Nunc, et in hora mortis nostræ*: agora e na hora de nossa morte. Familiariza-te toda a vida com as duas devotas jaculatórias que acabas de ler no fim desta meditação; e pede à Mãe de Deus sua proteção particular para a hora da morte.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:45 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:45 by Admin